

## SERMÃO 40

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este sermão foi escrito e publicado no princípio do ministério de Wesley, cerca de 1741. Ele nos apresenta principalmente o lado negativo da doutrina. Dai ser necessário, para sua apreciação completa, que recorramos às passagens paralelas da obra wesleyana. Limitar-nos-emos aqui à definição deste estado de graça. O caminho para alcançar isto será considerado em conexão com o sermão 43. O trecho seguinte, escrito em 1742, era usado por Wesley repetidamente como uma curta definição da doutrina em apreço:

Que entender então por ser perfeito? Queremos referir-nos a alguém que possua a mente que havia em Cristo e que, portanto, ande como Cristo andou; um homem que tenha as mãos puras e o coração puro, ou que seja purificado de toda imperfeição da carne e do espírito; um homem em quem não há motivo de tropeço e que, portanto, não comete pecado. Para enunciar isto de modo mais particular, entendemos pela expressão bíblica — “homem perfeito” — aquele em quem Deus tenha cumprido sua palavra fiel: “De todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos eu vospurificarei. Também vos salvarei de todas as vossas impurezas”. Entendemos uma pessoa a quem Deus santificou inteiramente no corpo, na alma e no espírito; uma pessoa que ande na luz como Ele está na luz, nele não havendo nenhuma treva, tendo o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, purificado de todo pecado.

Tal homem pode agora testificar a toda a humanidade: “Estou crucificado com Cristo; entretanto vivo, não eu, todavia, mas Cristo que vive em mim”. É santo como Deus que o chamou é santo, tanto no coração como em toda maneira de conversação. Ama ao Senhor seu Deus de todo seu coração, e serve-o com todas as suas forças. Ama a seu próximo, a todo homem, como a si mesmo — como Cristo nos amou — e em particular àqueles que o maltratam e perseguem, porque não conhecem nem o Filho, nem o Pai. Na verdade, sua alma é todo amor, interiormente revesti da de misericórdia, bondade, mansidão, brandura, longanimidade. E sua vida coincide com esses sentimentos, sendo cheia de obras da fé, de paciência na esperança, de trabalhos de amor. E o que quer que ele faça, em palavras ou em obras, tudo faz em nome, no amor e no poder do Senhor Jesus. Numa palavra: ele faz na terra à vontade de Deus, assim como essa vontade se cumpre nos céus.

Isto é que é ser um homem perfeito, ser santificado inteiramente, de modo a ter um coração tão abrasado do amor de Deus — para usar as palavras do arcebispo Ussher —, que constantemente oferece todo pensamento, palavra e obra como sacrifício espiritual aceitável a Deus, através de Cristo. Divulgar, em cada pensamento de nossos corações, em cada palavra de nossa língua, em cada obra de nossas mãos, o louvor daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. (Vide “Cartas ao Bispo de Londres”, “O Caráter do Metodista” e “Clara Exposição da Perfeição Cristã”, em cada um dos quais se usa a passagem citada).

O segundo grande período de especial proeminência desta doutrina nas sociedades metodistas começou cerca de 1769. Num tratado publicado naquele ano encontramos o seguinte:

P. Que é a perfeição cristã?

R. Amar a Deus de todo nosso coração, mente, alma e força. Isto implica em que nenhuma inclinação má, nada de contrário ao amor, permaneça na alma; e que todos os pensamentos, palavras e ações sejam governados pelo puro amor.

P. Quando pode uma pessoa julgar ter alcançado isto?

R. Quando, depois de ter sido plenamente convencida de pecado inerente, por uma convicção muito mais profunda e mais clara do que a que sentira antes da justificação, e depois de ter experimentado uma gradual mortificação ao pecado, experimenta, em relação a este, morte total e uma inteira renovação no amor e na imagem de Deus, de modo a “regozijar-se sobremodo a “orar sem cessar” e “em todas as coisas dar graças”. Não que o fato de “sentir todo o amor e nenhum pecado” seja prova suficiente. Muitos há que experimentaram isso por algum tempo, antes que fossem plenamente renovados. Ninguém, portanto deve crer que a obra esteja consumada, até que lhe seja adicionado o testemunho do Espírito, testificando sua inteira santificação tão claramente como sua justificação.

Conhecemos isto pelo *testemunho* e pelos *frutos* do Espírito; mas, primeiro, pelo *testemunho*. Como quando fomos justificados o *Espírito testificou com nosso espírito* que nossos pecados estavam perdoados, assim, quando somos santificados, o Espírito testifica que eles foram tirados. Na verdade, o testemunho da santificação nem sempre é claro à primeira vista (como nem o é o da justificação), nem ele é em seguida sempre o mesmo, mas, como o da justificação, algumas vezes é mais forte, outras vezes é mais débil. Sim, e às vezes é oculto. Todavia, o último testemunho do Espírito é, em geral, tão claro e tão sólido como o primeiro.

P. Mas, se eles vivem sem pecado, isto não exclui a necessidade de um Mediador? Pelo menos, não é claro que eles não mais têm necessidade de Cristo, em seu ofício sacerdotal?

R. Longe disto. Ninguém como eles sente a necessidade de Cristo; ninguém depende dele tão inteiramente. Porque Cristo não dá vida à alma separada de si mesmo, mas estando nela e com ela. Daí resulta serem suas palavras igualmente verdadeiras para todos os homens, qualquer que seja o estado de graça em que se encontrem: “Como os ramos não podem dar fruto por si mesmos, se não estiverem ligados à videira, assim não podeis fazê-lo, se não estiverdes em mim; sem mim”, ou separados de mim, “nada podeis fazer”.

Em qualquer estado temos necessidade de Cristo nos seguintes pontos: 1. Qualquer que seja a graça que recebamos, ela é um livre dom da parte dele. 2. Nós a recebemos como sua aquisição, meramente em consideração ao preço por Ele pago. 3. Temos esta graça não somente *de* Cristo, mas *em* Cristo. Porque nossa perfeição não é como a de uma árvore, que floresce pela seiva derivada de sua própria raiz, mas, como já foi dito, como a de um ramo, que produz fruto quando unido à videira e que, separado do tronco, murcha e seca-se. 4. Todas as nossas bênçãos, temporais, espirituais e eternas, dependem de sua intercessão por nós, o que constitui um ramo de seu ofício sacerdotal, de que sempre temos, portanto, igual necessidade. 5. O melhor dos homens ainda necessita de Cristo em seu ofício sacerdotal, para fazer

propiciação pelas suas omissões, sua insuficiência (como se tem com propriedade chamado), seus erros de julgamento e de prática e suas lacunas de várias espécies. Porque todas essas coisas são desvios da lei perfeita e necessitam, portanto, de propiciação. Todavia, que não sejam propriamente pecados, cremos que ressalta das palavras de S. Paulo: “O que ama tem cumprido a lei, porque o amor: é o cumprimento da lei”. (Rm 13.8-10) Ora, os enganos e quaisquer outras enfermidades que necessariamente decorrem do estado corruptível do corpo, não são de modo nenhum contrários ao amor, nem, portanto, são *pecados*, no sentido das Escrituras.

P. 29. Podem os que são perfeitos em amor crescer em graça?

R. Inegavelmente podem; e isto não só enquanto estão no corpo, mas, provavelmente, por toda a eternidade.

P. 30. Podem eles decair da graça?

R. Estou bem certo de que podem. Os fatos colocam esta questão acima de toda controvérsia. Antigamente pensávamos que o homem salvo do pecado não podia cair. Agora sabemos o contrário. Ninguém permanece firme em virtude de qualquer coisa que esteja implícita na *natureza* de seu estado. Não há tal *altura* ou tal *fortaleza* de santidade de que seja impossível decair, se houver alguém que não *possa cair*, isto depende totalmente da promessa e da fidelidade de Deus.”

Finalmente, quando se encerrava a grande obra que teve lugar naquele tempo, diz Wesley: “No ano de 1764, dando balanço a todo o assunto, escrevi a súplica do que eu havia observando, nestas breves palavras:

1. Existe a perfeição cristã, porque ela é freqüentes vezes mencionada nas Escrituras. 2. Ela não se alcança tão cedo como a justificação, por que as pessoas justificadas estão `em marcha para a perfeição´ (Hb 6.1).

3. Ela não vem tão tarde quanto a morte, porque S. Paulo fala de homens vivos que eram perfeitos (Fl 3.15).

4. Ela não é *absoluta*. A perfeição absoluta não pertence ao homem, nem aos anjos, mas somente a Deus.

5. Ela não torna o homem infalível. Ninguém é infalível, enquanto permanece no corpo.

6. Ela vem a ser *perfeito amor* (1Jo 4.18). O amor é a essência da santidade: suas propriedades são o *regozijar-se sobremodo*, *orar sem cessar* e *em tudo dar graças* (1Ts 5.16 p seguintes).

7. Ela é *susceptível de aperfeiçoamento*. Está tão longe de descansar num ponto intransponível, de ser incapaz de aumento, que alguém que seja perfeito em amor pode crescer em graça mui mais rapidamente do que o fizera dantes.

8. Ela é *susceptível de faltar*, capaz de perder-se, do que temos tido exemplos. Mas não nos convencemos disto perfeitamente por muitos anos.

9. É seguida e precedida constantemente de uma obra *gradual*.

10. Mas é em si mesma instantânea, ou não? No exame deste ponto sigamos passo a passo.

Tem-se operado mudança instantânea em alguns crentes. Ninguém que esteja familiarizado com a religião experimental pode negar isto.

Desde aquela mudança eles gozam de *perfeito amor*; Sentem isto e somente isto; regozijam-se sobremodo, oram sem cessar e em todas as coisas dão graças. Isto é tudo quanto quero dizer por perfeição cristã; portanto, essas são as testemunhas da perfeição que eu pego.

Mas em alguns essa mudança não foi instantânea; não perceberam em que instante ela foi operada. É freqüentemente difícil perceber o instante em que o homem morre, conquanto haja um instante em que a vida cessa; e, desde que o pecado cessa, deve haver um momento último de sua existência e um primeiro momento de nossa libertação dele”.

Com estes extratos diante de nós, estamos preparados para uma vista sumária da doutrina de Wesley, especialmente em suas relações para com a ética cristã.

A *vontade* é claramente o ponto central da vida moral. O pecado é verdadeiramente pecado somente na medida em que entra nos domínios da vontade, ou com esta se relaciona. A vontade mantém uma dupla relação: uma puramente espiritual, para com Deus, acima dela; outra física e exterior, para com o mundo. O lado espiritual ou religioso de nossa natureza se resume em três palavras: *consciência*, *fé*, *amor*. A perfeita harmonia que mantêm entre si, a íntima relação de umas para com as outras no processo da vida espiritual, e sua adesão, em princípio; à lei moral absoluta, tudo se tornou claramente manifesto nos precedentes ensinamentos de Wesley. Mas no estado natural a vontade encontra motivos de ação no lado mais baixo e exterior de nossa natureza, tanto como no lado interior e divino. A vontade tende para esses motivos inferiores, em oposição à consciência, à fé e ao amor. Esta é a escravidão do homem natural, diz S. Paulo, do homem psíquico. A nova vida restaura a unidade da vontade de Deus através da fé, do amor e da consciência. Dá-nos uma vida moral, desenvolvida da experiência cristã consciente que lhe serve de base. A perfeição cristã é a perfeição da consonância da vontade com a natureza religiosa. É, deste modo, “uma consciência livre de ofensa”, uma “plena certeza da fé” e um “perfeito amor”. A fé perfeita procede de uma perfeita iluminação da consciência pela palavra do Espírito de Deus; e a fé perfeita engendra o perfeito amor, enquanto que o perfeito amor dá forças à vontade renovada. E esta vontade perfeita para o que é justo governa toda a vida exterior, todo pensamento, palavra e obra e é confirmada por uma perfeita paz de consciência. Este domínio da vontade renovada sobre a vida externa e inferior começa com o novo nascimento. O que é nascido de Deus não comete pecado. Mas à vontade renovada ainda não é suficientemente forte para *subjugar perfeitamente todo pensamento e toda inclinação*. A consciência deve ser iluminada por um a perfeita convicção de pecado, a fé deve apreender a promessa de completa salvação e daí deve decorrer um *perfeito amor*, antes que a nova vontade em que se consubstancia o poder de sua vida moral se torne suficientemente poderosa para exercer a influência suprema, diretora, tanto *sobre toda a natureza inferior*, como sobre a vida externa. Em tudo isto ver-se-á que a lei da vida cristã não é um padrão acomodatório ou de moral inferior, mas a plena glória da santidade divina. É perfeição. Mas sua relação para com nossa imperfeição humana mui claramente se define. Há lugar para a imperfeição, mas esta não deve atingir a *vontade*. A vontade deve ser perfeita, como Deus e sua lei — a que ela está ligada pela perfeita fé, amor e consciência, — são perfeitos. Wesley não dá lugar ao pecado em qualquer terreno que esteja “em nosso poder evitá-lo. A vontade deve ser perfeitamente superior aos motivos inferiores, deve pairar soberanamente

acima deles, à luz de uma consciência pura e sobre seu trono de perfeito amor. Entretanto, quando passamos deste centro de nosso ser moral (esta região de intuição e vontade), para outras esferas de nossa personalidade, — as percepções, os conceitos, a imaginação, a memória, os apetites e as afeições inferiores — imediatamente encontramos as limitações da imperfeição. Mas é uma imperfeição natural e não moral, tanto mais que ela se exerce para além do alcance consciente da vontade. Mas, embora nessas esferas que ficam fora de nossa personalidade muita imperfeição ainda permaneça, seria grande erro supor que tais imperfeições não sejam de modo algum alcançadas ou afetadas pela grande mudança que se tenha operado no centro de nosso ser moral. A influência dessa mudança atinge toda a circunferência; mas o que fica mais perto do centro — isto é, a *vontade* — mais evidentemente lhe sente o poder. Somente quando o corpo é libertado e o *psíquico* se torna em *espiritual*, estamos habilitados a dizer que alcançamos plenamente a perfeição ou somos totalmente perfeitos.

Mas, conquanto a doutrina wesleyana da perfeição seja de tal modo ética em seu caráter, sendo uma perfeição na qualidade moral da vontade, ela também abraça tudo quanto é verdadeiro nos ensinamentos do misticismo emotivo. A perfeição cristã é o perfeito amor, o amor de Deus e do homem governando a vida e excluindo tanto o pecado como o temor. Mas nisto as doutrinas de Wesley diferem do misticismo contemporâneo da França e da Alemanha e assemelham-se ao do apóstolo João: o amor não se destina nunca a, sobrepujar o conhecimento, ou dominar a consciência, ou dispensar a lei. Ele sempre mantém sua própria posição como motivo de vida santa, que ainda respeita todas as convicções da consciência, e humildemente se submete a orientação da Palavra de Deus e confessa a limitação de nosso próprio conhecimento. Tal doutrina do perfeito amor está inteiramente livre das corrupções que têm tão freqüentemente desonrado aquele nome, e ao mesmo tempo dá profundidade e espiritualidade à perfeição moral da vontade e salva-a da perfeição das obras meramente exteriores do pelagianismo.

Um terceiro característico do conceito de Wesley acerca da perfeição cristã é seu caráter profundamente evangélico. É uma perfeição que não pode perdurar sequer por um momento separada de Cristo. E nisto ela abraça tudo que é verdadeiro no perfeccionismo da escola calvinista. Não é, porém, uma perfeição meramente imputada, mas a perfeição oriunda da viva união à videira vivaz. Resumindo, é a fé perfeita em um perfeito Salvador, dela haurindo o espírito de perfeito amor, que se revela na atividade de uma vida cristã perfeita. Sua doutrina combina, deste modo, o que há de bom em todos os sistemas de perfeccionismo que se têm ensinado na Igreja Cristã, evitando-lhes, ao mesmo tempo, os erros”. (Burwash)

A importância da doutrina da perfeição cristã não pode ser encarecida demais. É necessário, entretanto, estudar o assunto cuidadosamente, porque muitos perigos há no caminho do pesquisador. Não podemos esperar clareza lógica e exatidão da parte do povo iletrado, mas os ministros do Evangelho são *mestres* enviados por Deus para dirigir os pecadores no caminho da vida. Uma tendência para o mal, na procura da vida mais elevada, reside na indevida e anormal consciência, que viola a regra de Wesley, segundo a qual os erros de apreciação e os pensamentos involuntários não são propriamente *pecados*. A perfeição cristã é simplesmente o reino de Cristo na alma, a substituição de nossa própria vontade pela vontade de Deus, em todos os empreendimentos da vida. Esperar por um estado no qual nenhuma falta, nenhum erro, nenhuma deficiência se encontre, é exigir que os homens sejam infalíveis e pressupor existir em torno de nós a atmosfera do céu, enquanto estamos ainda na terra. Podemos ter, na verdade, o céu presente, mas este está na perfeição do amor, não na absoluta, perfeita conformidade com as exigências de uma vida imaculada. O ministro que constantemente insiste com seu povo a seguir o caminho do progresso cristão ilustrará sua pregação com as palavras de S. Paulo: Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás, e avançando para as que estão adiante, prossigo em direção ao alvo, para obter o prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus”. (Fl 3.13,14)

## ESBOÇO DO SERMÃO 40

A palavra *perfeição*, embora seja motivo de tropeço, é bíblica, e por isso não deve ser posta à margem, mas explicada. Assim sendo, investiguemos:

I. Em que sentido os cristãos não são perfeitos.

1. Não são perfeitos em conhecimento, embora lhes seja dado o necessário conhecimento prático do caminho da justiça e das coisas de Deus.
2. Nem em libertação dos erros. Não no tocante aos princípios essenciais da salvação, mas acerca de fatos e, mesmo, da Escritura.
3. Nem em libertação de fraquezas, que não são uma designação mais branda do pecado, mas incluem todos os defeitos que não sejam morais.
4. Nem em libertação da tentação. Cristo foi tentado.
5. Não são perfeitos em grau. Eles não têm uma absoluta perfeição quantitativa.

II. Em que sentido eles são perfeitos.

Os estágios do cristão são como os da vida natural. A perfeição cristã pertence aos adultos.

1. Mas ainda as crianças em Cristo são perfeitas, no sentido de não cometerem pecado. Isto não se prova por meio de razões abstratas, nem pela experiência individual, mas pela palavra de Deus (testemunho de Paulo, Rm 6; testemunho de 1Pd 4.1,2; de 1Jo3). O mínimo em que essas passagens implicam é em libertação do pecado exterior. Objeções tiradas de exemplos do Velho Testamento: de Pv 24.16 e Ec 7.20. Elas expressam a experiência ordinária do Velho Testamento. Mas os cristãos receberam o Espírito Santo e são, “não mais, servos, mas filhos” (1Pd 1.9,10; Zc 12.8). Objeções tiradas do Novo Testamento: Pedro, Paulo e Barnabé pecaram. Mas não estavam sob *necessidade*. A disputa de Paulo não foi pecado. A expressão de Tiago: “todos nós praticamos ofensa” se refere aos “muitos mestres”, porque ele fala do homem perfeito. A declaração de João acerca do pecado universal se refere, não à vida presente, mas à vida

passada.

2. Mas somente os que são fortes no Senhor são perfeitos ao ponto de se libertarem dos maus pensamentos e das tendências más. (1) Maus pensamentos, que se devem distinguir de pensamento acerca do mal. Isto ressalta do ensino de Cristo (Mc 7.21; Mt 12.33 e 7.17, 18). De Paulo (2Cor 10.4), (2) Tendências más. Isto se acha implícito na promessa de semelhança com o Mestre e de estar S. Paulo crucificado com Cristo. Daí a libertação do orgulho e da ira pecaminosa. Esta perfeição apresentada em 1 Jo 4.17 e 1.5,7; Dt 30.6; Ez 36.25.

## SERMÃO 40

### A PERFEIÇÃO CRISTÃ

“Não digo que eu já o tenha alcançado, ou que seja já perfeito”.

(Filipenses 3.12)

1. DIFICILMENTE haverá uma expressão bíblica que tenha causado maior escândalo do que esta. A palavra *perfeito* é que muitos não podem suportar. O próprio som deste vocábulo é para eles abominação; e quem quer que *pregue a perfeição* (como a frase se constrói), isto é, quem quer que afirme que a perfeição possa ser alcançada nesta vida, corre o grande perigo de ser reputado como pior do que pagão ou publicano.

2. E daí resulta que alguns deliberaram colocar inteiramente de parte o uso daquelas expressões, “porque elas têm produzido tão grande escândalo”. Mas essas expressões não se encontram nos Oráculos de Deus? Se assim é, com que autoridade pode qualquer mensageiro de Deus colocá-las de lado, ainda que todos os homens se ofendam? Nós não aprendei-nos com Cristo a proceder assim, nem a dar de tal modo lugar ao diabo. O que quer que Deus haja falado, isso falaremos, quer os homens ouçam, quer deixem de ouvir; sabendo que somente pode o ministro de Cristo estar “limpo do sangue de todos os homens” quando “não se houver recusado a lhes declarar todo o conselho de Deus”.

3. Não podemos, pois, deixar de parte aquelas expressões, visto que são palavras de Deus e não dos homens. Mas podemos e devemos explicar seu significado, para que os sinceros de coração não se desgarem para a direita ou para a esquerda, desviando-se do alvo do prêmio de sua alta vocação. E isto é mais necessário fazer, porque, no versículo que se acaba de repetir, o apóstolo fala de si mesmo como não sendo perfeito: “Não” — diz ele — “que eu Julgue ser Já perfeito”. “Todos quantos já somos perfeitos” — diz ele — “sintamos isto mesmo”.

4. Para remover, portanto, as dificuldades que se levantam desta aparente contradição, assim como para esclarecer os que estão prosseguindo em direção ao alvo e para que os claudicantes não se desviem do caminho, tenciono mostrar:

Primeiro, em que sentido os cristãos *não são perfeitos*; e Segundo, em que sentido eles o *são*.

## I

1. Em primeiro lugar, tenciono mostrar em que sentido Os cristãos *não são perfeitos*. Tanto pela experiência como pela Escritura, demonstra-se, primeiro, que eles não são perfeitos em conhecimento: nesta vida não são tão perfeitos que estejam isentos da ignorância. Sabem, ou podem saber, em comum com os outros homens, muitas coisas que se relacionam com o mundo presente; e, em relação ao mundo vindouro, conhecem as verdades gerais que Deus revelou. Sabem, igualmente (o que o homem natural não percebe, porque essas coisas se discernem espiritualmente), “qual é a espécie de amor” com que “o Pai os amou”, “para que fossem chamados filhos de Deus”. Conhecem o poder de seu Espírito operando em seus corações e a sabedoria de sua Providência, dirigindo todos os seus caminhos e deter minando que todas as coisas cooperem para o seu bem. Sim, eles sabem, em todas as circunstâncias da vida, o que o Senhor requer deles, e sabem como guardar a consciência livre de ofensa para com Deus e para com os homens.

2. Mas são inumeráveis as coisas que ignoram. No tocante ao próprio Todo-Poderoso, não podem apreendê-lo com perfeição. “Eis que estes são apenas uma parte de seus caminhos; mas o trovejar de seu poder, quem pode compreendê-lo?” Não podem compreender, já não digo como “Três são os que testificam no céu, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e estes Três são Um”; ou como o eterno Filho de Deus “tornou sobre si mesmo a forma de servo”, mas qualquer atributo, qualquer particularidade de sua natureza divina. Nem lhes cabe conhecer os tempos e épocas em que Deus realizará sobre a terra suas grandes obras; não, nem mesmo as que Ele em parte revelou por seus servos os profetas, desde o começo do mundo. Muito menos sabem quando Deus, tendo “preenchido o número de seus eleitos apressara seu reino”; quando “os céus passarão com grande estrondo e os elementos com o calor se dissolverão”.

3. Eles não sabem as razões de muitas de suas dispensações presentes acerca dos filhos dos homens, mas são constringidos a descansar neste ponto: Embora “nuvens e trevas o rodeiem, a justiça e o juízo são os fundamentos de sua firmeza”. Frequentemente, e em relação ao seu proceder para com eles diz-lhes o Senhor: “O que eu faço tu não o sabes agora; mas sabê-lo-ás mais tarde”. E quão pouco sabem daquilo que está diante deles, mesmo das obras visíveis de suas mãos! — Como “Deus estende o norte sobre o lugar deserto, e firma a terra sobre o nada”?

Como Deus une todas as partes desta grande máquina por um liame secreto, que não pode ser rompido? Assim, grande é a ignorância e peque nino o conhecimento, mesmo dos melhores homens!

4. Ninguém, portanto, é, nesta vida, tão perfeito que esteja livre da ignorância. Nem, em segundo lugar, do erro, que, em verdade, é uma conseqüência quase inevitável daquela, visto que, os que não “conhecem senão em parte”, estão sempre sujeitos a errar no tocante às coisas que não conhecem. É verdade que os filhos de Deus não erram acerca dos pontos essenciais à salvação: não “tomam as trevas por luz ou a luz por trevas”, nem “buscam a morte no erro de sua vida”. São “ensinados por Deus”, e o caminho que Deus lhes ensina, o caminho da santidade, é tão claro, que “o viajante, embora insensato, não tem necessidade de errar nele”. Mas nas coisas não essenciais à salvação, eles erram, e erram freqüentemente. Os melhores e mais sábios dos homens com freqüência se enganam mesmo em relação a fatos, acreditando que as coisas que realmente se deram não se verificaram, ou que se deram, quando na realidade, não ocorreram. Ou, supondo-se que não errem em relação ao próprio fato, podem errar, todavia, no tocante às circunstâncias que o envolvam, crendo-as, ou a muitas dentre elas, de modo muito diferente do que, na verdade, eram. E daí não podem resultar senão equívocos de maiores conseqüências. Daí o Poderem eles crer que certas ações, passadas ou presentes, que eram ou são más, sejam boas; e que sejam más as que eram ou são boas. Daí também resulta que eles podem proferir juízo em desacordo com a verdade, relativamente ao caráter dos homens, não somente supondo que homens bons sejam melhores do que, o são, ou que os maus sejam piores, mas crendo terem sido ou serem bons os que foram ou são iníquos; ou talvez os que foram ou são perversos, sejam ou tenham sido santos e irrepreensíveis.

5. Sim, com relação às próprias Escrituras Sagradas, por mais cuidadosos que sejam em evitá-lo, os melhores homens estão sujeitos a errar, e erram dia após dia, principalmente quanto às partes que menos imediatamente se relacionam com a prática. Daí procede que Os filhos de Deus não estão concordes na interpretação de muitas passagens do Sagrado Escrito: nem sua diferença de opinião fornece qualquer prova de que não sejam filhos de Deus; mas prova que não devemos esperar que qualquer homem vivo seja mais infalível do que onisciente.

6. Se objetar ao que se disse sob este e sob o título precedente, que S. João, falando a seus irmãos na fé, diz: “Tendes a unção do Santo e conheceis todas as coisas” (1Jo 2.20), pronta será a resposta: “Vós conheceis todas as coisas que são necessárias à salvação da alma”. Que o apóstolo jamais teve em mente ir mais longe; que ele podia falar em sentido absoluto, é claro, primeiro, porque, de outro modo, havia de colocar o discípulo “acima de seu Mestre”, uma vez que o próprio Cristo como homem, não sabia, todas as coisas: “Daquela hora” disse Ele — “ninguém sabe, nem o Filho, mas somente o Pai”. Em segundo lugar, temos o testemunho claro da própria palavras do apóstolo que se seguem: “Essas coisas vos escrevi no tocante aos que vos enganam”, assim como de seus avisos freqüentemente repetidos: “Que ninguém vos engane”, o que teria sido de todo desnecessário, se justamente aquelas pessoas, que tinham a unção do Santo, não estivessem sujeitas, não só à ignorância, mas também ao erro.

7. Além de os cristãos não serem, portanto, tão perfeitos que estejam livres da ignorância e do erro, podemos aduzir, em terceiro lugar, que eles não estão isentos de fraquezas. Somente tenhamos cuidado em compreender corretamente esta palavra: não devemos dar esse doce título a pecados conhecidos, segundo o costume de alguns. Assim, alguém diz: “Todo homem tem sua fraqueza, e a minha é a bebida”; outro tem o fraco da impureza, outro, o defeito de tomar o santo nome de Deus em vão, e ainda outro tem o hábito de chamar a seu irmão “Tolo”, ou retribuir “injúria por injúria”. É claro que todos vós que assim falais, se não vos arrependerdes, ireis, com todas as vossas fraquezas, prontamente para o inferno! Mas quero dizer por aquela palavra, não somente o que com propriedade se chama *fraqueza corporal*, mas todas as imperfeições internas ou externas, que não sejam de natureza moral. Tais são as fraquezas ou a estupidez de entendimento, obtusidade ou confusão de compreensão, a incoerência de pensamento, a irregular acuidade ou a morosidade da imaginação. Tais são (para mencionar apenas esta espécie), os que têm falta de memória pronta ou retentiva. Tais são, de outra espécie, os que, em certa medida, comum ente se mostram coerentes com essas lacunas, isto é, sentem lentidão no falar, denotam impropriedade de palavras, desgraciosidade de pronuncia, a que se pode aduzir um milhar de defeitos sem nome, seja na conversação, seja na atitude, Estas são as fraquezas que, em proporção maior ou menor, se encontram nos melhores homens. E disto ninguém pode esperar ser perfeitamente libertado, até que o espírito volte para Deus que o deu.

8. Nem podemos esperar, até a morte, que nos libertemos totalmente da tentação. Semelhante perfeição não pertence a esta vida. É verdade que alguns há que, entregando-se com avidez à impureza, dificilmente percebem a tentação a que não resistem; e assim parece estarem isentos dela. Também há muitos a quem o astuto inimigo das almas não induzirá a graves pecados, porque, vendo que estão profundamente adormecidos numa forma de piedade morta, teme que despertem antes que tombem no fogo eterno. Sei que também há filhos de Deus que, sendo agora justificados livremente, tendo alcançado redenção no sangue de Cristo, no presente não experimentam tentação. Deus disse a seus inimigos: “Não toqueis em meu unguento e não façais mal a meus filhos”. E por esta razão pode ser que por semanas ou meses Ele os faça flutuar nas alturas; eleve-os, como nas asas das águias, acima de todos os dardos inflamados do maligno. Mas este estado não dura para sempre, como podemos aprender daquela única consideração — que o próprio Filho de Deus, nos dias de sua carne, foi tentado até o fim da vida. Assim, espere o

servo sê-lo também; porque “basta que ele seja como seu Senhor”.

9. A perfeição cristã não implica, portanto, (como alguns parece terem imaginado), em isenção, seja da ignorância, do erro, das fraquezas ou das tentações. A perfeição é, na realidade, somente outro nome designativo da santidade. São dois nomes a definirem a mesma coisa. Deste modo, todo aquele que é *santo* é, no sentido da Escritura, *perfeito*. Podemos ainda observar o finalmente, que, mesmo neste sentido, nenhuma perfeição existe na terra. Não há *perfeição em grau* como se diz; nenhuma há que não admita crescimento. Quanto mais alto tenha subido o homem, por mais elevado que seja o grau de sua perfeição, ele ainda tem necessidade de “crescer em graça” e avançar diariamente no conhecimento e no amor de Deus seu Salvador.

## II

1. Em que sentido, então, os cristãos são perfeitos? Isto é o que, em segundo lugar, tenciono mostrar. Mas seria bom antecipar que há, na vida cristã, como na vida natural, diversos estágios, sendo alguns dos filhos de Deus apenas criancinhas recém-nascidas e outros tendo já alcançado maior madureza. Portanto, S. João, em sua primeira epístola (2.12, etc.), dirige-se de modos diversos àqueles que ele chama meninos, àqueles que ele chama de moços e àqueles a quem trata de pais. “Eu vos escrevo, filhinhos, — diz o apóstolo — porque os vossos pecados são perdoados”: porque avançastes; até este ponto; sendo “justificados livremente”, “tendes paz com Deus mediante Jesus Cristo”. “Eu vos escrevo, moços, porque vencestes o maligno”, ou (como ele acrescenta depois), “porque saís fortes, porque a palavra de Deus permanece em vós”. Apagas os dardos inflamados do maligno — as dúvidas e os temores com que ele perturbava vossa primitiva paz — e o testemunho de Deus, de que vossos pecados vos foram perdoados, agora permanece em vosso coração. “Eu vos escrevo, pais, porque conheceis aquele que é desde o princípio”. Conhecestes, do íntimo de vossa alma, tanto o Pai como o Filho e o Espírito de Cristo. Vós saís “perfeitos”, tendo crescido até “a medida da estatura da plenitude de Cristo”.

2. Destes é que trato na segunda parte de meu discurso, porque somente estes são perfeitos cristãos. Mesmo as criancinhas em Cristo são, porém, em tal sentido, perfeitas, ou nascidas de Deus, (expressão também tomada em sentidos diversos), pelo fato de, em primeiro lugar, não cometerem pecado. Se alguém duvidar desse privilégio dos filhos de Deus, a questão não se resolverá à custa de raciocínios abstratos, que podem alongar-se indefinidamente, deixando o ponto em debate justamente no mesmo lugar em que se encontrava antes. Nem a questão pode ser determinada pela experiência particular desta ou daquela pessoa. Muitos podem supor que não cometem pecado, quando, de fato, o cometem; mas isto nada prova em sentido algum. Apelemos para a Lei e para o Testemunho. “Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso”. Mas permaneça sua Palavra e somente ela. Por ela devemos ser julgados.

3. Ora, a palavra de Deus claramente declara que os que são justificados, que nasceram de novo no mais elementar sentido, “não continuam no pecado”; que eles não podem “viver ainda no pecado” (Rm 6.1, 2); que foram “juntamente sepultados à semelhança da morte” de Cristo (versículo 5); que seu “velho homem foi crucificado com Ele”, tendo sido destruído o corpo, do pecado, para que não continuem a servir ao pecado; que, mortos com Cristo, são libertados do pecado (versículos 6 e 7); que são “mortos para o pecado e vivos para Deus” (versículo 11); que “o pecado não tem mais domínio sobre eles”, visto que “não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça”; mas, “libertados do pecado, se tornaram servos da justiça” (versículos 14, 18).

4. O mínimo em que estas palavras podem implicar é que as pessoas a quem elas se referem, isto é, todos os reais cristãos ou crentes em Cristo — estão libertados do pecado ostensivo: E a mesma libertação, que S. Paulo aí expressa em tão grande variedade de frases, S. Pedro enuncia em uma só (1Pd 4.1,2): “Aquele que sofreu na carne cessou de pecar, para que não mais viva segundo as cobiças dos homens, mas segundo a vontade de Deus.” Porque esse *cessar* de pecar deve ser interpretado em seu mais baixo sentido, contemplando somente a aparência exterior; deve denotar a cessação do ato exterior, de qualquer transgressão exterior da lei.

5. Mais categóricas são as bem conhecidas palavras de S. João, no terceiro capítulo de sua primeira epístola, versículo oito e seguintes: “Quem comete pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio. Para destruir as obras do diabo é que o Filho de Deus se manifestou. Quem é nascido de Deus, não comete pecado, porque a semente de Deus permanece nele; e ele não pode pecar, porque é nascido de Deus.” E no capítulo 5 (versículo 18): “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; pelo contrário, Aquele que nasceu de Deus guarda-o, e o maligno não o segura”.

6. Na verdade, diz-se, isto significa apenas que ele não peca *voluntariamente*; ou, não comete pecado *habitualmente*; ou, não *como jazem os outros homens*; ou, não *como* ele próprio *jazia dantes*. Mas, por quem é dito semelhante coisa? Por S. João? Não: não existe tal palavra no texto, nem em todo o capítulo, nem em toda sua epístola, nem em qualquer parte de quaisquer de seus escritos. O melhor meio de responder a uma asserção atrevida é negá-la simplesmente. Se qualquer homem puder prová-la pela Palavra de Deus, que apresente suas fortes razões.

7. Uma espécie de razão há, que tem sido com freqüência apresentada em defesa daquelas estranhas asserções,

razões tiradas de exemplos registra dos na Palavra de Deus: “Quê! dizem eles — o próprio Abraão não cometeu pecado, prevaricando e negando sua mulher? Moisés não cometeu pecado, quando tentou a Deus nas águas da contradição? E, para aduzir um exemplo por todos, o mesmo Davi, “o homem segundo o coração de Deus” não cometeu pecado, no caso de Urias o hitita, praticando adultério e assassínio?” É certo que o fizeram. Tudo isso é verdadeiro. Mas, que pretendes inferir daí? Pode-se crer, primeiro, que Davi, no curso geral de sua vida, foi um dos homens mais santos dentre os judeus; e, em segundo lugar, que os homens mais santos dentre os judeus algumas vezes cometeram pecado. Mas se quiserdes inferir daí que todos os cristãos cometem e devem cometer pecado no decorrer da vida, tal conclusão nós a repelimos de modo absoluto: ela jamais ressaltará daquelas premissas.

**8.** Os que fazem semelhante parece nunca terem considerado aquela afirmativa de nosso Senhor (Mt 11.11): “Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher nenhuma se levantou maior do que João batista; mas o que é menor no reino dos céus é maior do que ele”. Temo, na verdade, que alguns não tenham imaginado que o “reino dos céus”, ai, signifique o reino da glória, como se Filho de Deus nos acabasse de revelar que o santo mesmo glorificado nos céus seja maior do que qualquer homem que esteja na terra! A simples menção de tal idéia é suficiente para refutá-la. Nenhuma dúvida, portanto, pode haver, de que o “reino dos céus” ai mencionado (como no versículo seguinte, onde se diz que ele deve ser arrebatado à torça); ou o “reino de Deus”, como S. Lucas o designa, é aquele reino de Deus estabelecido na terra, a que pertencem todos os verdadeiros crentes em Cristo, todos os reais cristãos. Naquelas palavras nosso Senhor declara, pois, duas coisas: primeiro, que antes de sua vinda em carne, entre todos os filhos dos homens não tinha havido nenhum maior do que João Batista; de onde evidentemente se segue que nem Abraão, nem Davi, nem qualquer outro judeu fora maior do que João. Em segundo lugar, nosso Senhor declara que o que é menor no reino de Deus (naquele reino que Ele veio estabelecer na terra, e os violentos agora começavam a tomá-lo à força), é maior do que ele. Não maior profeta, como alguns têm interpretado a palavra, porque isto é, de fato, palpavelmente falso; mas é maior na graça de Deus e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso não podemos medir os privilégios dos reais cristãos pelos privilégios primitivamente concedidos aos judeus. Sua “ministração” (ou dispensação), concordamos, “era gloriosa”; mas a nossa “excede em glória”. Assim, quem quer que pretenda fazer retrogradar a dispensação cristã ao padrão judaico, quem quer que respigue exemplos de fraqueza, registrados na Lei e nos Profetas para daí inferir que os que “estão em Cristo” não são dotados de maior fortaleza, grandemente erram, não “conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus”.

**9.** “Mas não há na Escritura afirmativas que provam a mesma coisa, se tal prova não puder ser inferida daqueles exemplos? Não diz expressamente a Escritura: “Mesmo o homem justo peca sete vezes no dia”? Respondo: não; a Escritura não diz tal coisa. Não existe semelhante texto na Bíblia. O que parece que se quer citar é o 16º versículo do 24 capítulo de Provérbios, cujas palavras são estas: “O justo cairá sete vezes, e tornar-se-á a levantar”, Mas isto é coisa inteiramente diversa. Porque, primeiro, as palavras “no dia” não se acham no texto. De modo que, se ajusto cair sete vezes em sua vida, isto estará dentro da afirmativa ali contida. Segundo, não há no texto menção de *cair* em *pecado* de modo nenhum: o de que ali se trata é de *cair* em *aflições temporais*. Isto evidentemente ressalta do versículo que precede, cujas palavras são as seguintes: “Não armes traições ao justo, e não andes buscando a impiedade na sua casa, nem perturbes o seu repouso,” E prossegue: “Por que o justo cairá sete vezes, e tornar-se-á a levantar; mas os ímpios serão precipitados no mal”. É como se dissesse: “Deus o libertará de sua aflição; mas, quando tu caíres, ninguém haverá que te socorra”.

**10.** “Todavia, em outros lugares” — continuam os objetantes — “Salomão afirma claramente: “Não há homem que não peque” (1Rs 8.46; 2Cr 6.36); e “Não há sobre a terra um só justo, que faça o bem e não peque” (Ec 7.20), Respondo: sem dúvida, assim era nos, dias de Salomão. Assim foi de Adão até Moisés, de Moisés até Salomão e de Salomão até Cristo. Não havia então nenhum homem que não pecasse, a partir do dia em que o pecado entrou no mundo, não houve sobre a terra um só justo, que fizesse o bem e não pecasse, até que o Filho de Deus se manifestou e tirou nossos pecados. É fato indiscutivelmente certo que “o herdeiro, enquanto é menor, em nada difere de um servo”, Assim é que eles (todos os santos homens do passado, que viviam sob a dispensação judaica), estavam, durante aquele estágio de infância da Igreja, “em escravidão debaixo dos rudimentos do mundo”, “Mas, quando veio a plenitude do tempo, Deus enviou a seu Filho, feito sujeito à lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei, para que pudessem receber a adoção de filhos” — para que pudessem receber aquela “graça que se fez agora manifesta pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo; que aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo Evangelho” (2Tm 1.10), Agora, pois, eles “não são mais servos, mas filhos”, De modo que, qualquer que fosse o caso dos que estavam debaixo da lei, podemos afirmar sem perigo, com S. João, que, desde que o Evangelho foi anunciado, “o que é nascido de Deus não peca”.

**11.** É de grande importância observar, e observar mais cuidadosamente do que é de costume fazer-se, a larga diferença que há entre a dispensação judaica e a dispensação cristã. O fundamento dessa diferença o mesmo apóstolo o assinala no 7 capítulo de seu Evangelho (versículos 38ss). Depois de ter, registrado aquelas palavras de nosso bendito Senhor: “O que crê em mim, como a Escritura diz, de seu interior correrão fontes de água viva”, imediatamente acrescenta: “Ele falava isto do Espírito — ου εμελλον λαμβανειν οι πιστευσαντες εις αυτον — *que*

*os que cressem nele estavam para receber*, Pois o Espírito Santo ainda não tinha sido dado, porque Jesus não tinha sido ainda glorificado. “Ora, o apóstolo não pode ter tido li intenção de dizer (como alguns ensinaram), que o poder de operar milagre pelo Espírito Santo ainda não tinha sido dado. Porque este tinha sido dado: nosso Senhor o havia comunicado aos apóstolos, quando pela primeira vez os enviou a pregar o Evangelho. Nessa ocasião Ele lhes deu poder sobre os espíritos imundos para os expulsar; Poder de curar os enfermos e até de ressuscitar os mortos, Mas o Espírito Santo não tinha sido ainda dado em sua graça santificante, como o foi depois de Jesus ter, sido glorificado. Foi então, quando “subiu para o Alto, levando cativo o cativo”, que Ele “recebeu” aqueles “dons para os homens, mesmo para os rebeldes, para que o Senhor Deus pudesse habitar entre eles”, E quando o dia de Pentecoste plenamente se cumpriu, então aconteceu que os que “esperavam pela promessa do Pai” setornaram mais do que vencedores sobre o pecado, pelo Espírito Santo que lhes foi dado.

**12.** Que essa grande salvação do pecado não tenha sido dada até que Jesus fosse glorificado, S. Pedro também plenamente otestifica quando, falando de seus irmãos na carne, “recebendo ofim de sua fé, a salvação de suas almas”, acrescenta (1Pd 1.9,10ss): “Da qual salvação inquiriram e pesquisaram diligentemente os profetas que profetizaram a graça”, isto é, a graciosa dispensação, “que viria a vós, investigando de que modo e em que tempo o Espírito de Cristo que era neles dava a entender, quando predisse os sofrimentos de Cristo e a glória”, a gloriosa salvação, “que se seguiria”: “A quem foi revelado que não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam as coisas que são agora referidas a vós pelos que vos pregaram o Evangelho com o Espírito Santo enviado dos céus”, ou seja no dia de Pentecoste, e assim a todas as gerações, no coração de todos os verdadeiros crentes. Sobre este fundamento, “a graça que lhas foi dada pela revelação de Jesus Cristo”, o apóstolo bem podia ter firmado aquela forte exortação: “Por isso, cingindo os lombos de vosso entendimento, como é santo aquele que vos chamou, assim sede santos em toda a vossa maneira de conversação”.

**13.** Os que têm devidamente considerado estas coisas hão de reconhecer que *os privilégios dos cristãos não devem ser*, de modo algum, aferidos por aquilo que o Velho Testamento registra no tocante aos que se achavam debaixo da dispensação Judaica, visto que a plenitude do tempo é agora chegada; e o Espírito Santo, é agora comunicado; a grande salvação de Deus é trazida a todos os homens, pela revelação de Jesus Cristo. O reino dos céus está agora firmado na terra, acerca do qual o Espírito de Deus falara antigamente (tão longe está Davi de ser modelo ou padrão de perfeição cristã): “O que é fraco entre eles naquele dia será como Davi; e a casa de Davi ser, á como Deus, como o anjo do Senhor diante deles”. (Zc 12.8)

**14.** Se, pois, queres provar que as palavras do apóstolo “o que é nascido de Deus não peca” — não se devem entender em seu sentido claro, natural e óbvio, é do Novo Testamento que deves tirar tuas provas, sem o que estarás a combater como quem açoita o ar. A primeira dessas provas, que é usualmente apresentada, é tirada de exemplos registrados no Novo Testamento. “Os próprios apóstolos — diz-se — cometeram pecado; mesmo os mais santos dentre eles, como Pedro e Paulo. S. Paulo, por sua ardorosa contenda com Barnabé; S. Pedro, por sua dissimulação em Antioquia”. Bem: suponhamos que tanto Pedro como Paulo tenham cometido pecado; que pretendias inferir daí? Que todos os apóstolos às vezes cometiam pecado? Não há sombra de prova disto. Ou querias inferir daí que todos os outros cristãos da era apostólica cometeram pecado? Pior ainda: esta é uma inferência que, ninguém poderia imaginar que um homem, de posse de suas faculdades, Jamais pensasse em tirar. Ou pretendes argumentar deste modo: “Se dois dos apóstolos uma vez cometeram pecado, então todos os demais cristãos, em todas as épocas, cometerão pecado durante a vida”? Ai, meu irmão! Uma criança de entendimento normal se envergonharia de semelhante argumentação! Por último poderás inferir, com alguma aparência de lógica; que todo homem deve cometer pecado. Não; livre-nos Deus de dizer isto! Nenhuma necessidade de pecar foi imposta àqueles homens. A graça de Deus lhes era, sem dúvida, suficiente, E é-nos suficiente até hoje. Sempre havia caminho de escapar à tentação que sobre eles recaísse, como ao alcance de toda alma há meios de escapar a cada tentação. De modo que, seja quem for que seja tentado a cometer qualquer pecado” não terá necessidade de render-se; porque ninguém é tentado acima do que seja capaz de suportar.

**15.** “Mas S. Paulo rogou ao Senhor: três vezes, e ainda não pôde escapar de sua tentação”. Seja-nos permitido considerar suas próprias palavras, traduzidas literalmente: “Havia dado a mim um espinho na carne, um anjo”; ou mensageiro, “de Satanás, para esbofetear-me. No tocante a isto eu roguei ao Senhor três vezes, para que aquilo”, ou ele, “Pudesse ir-se de mim, E ele disse a mim, Minha graça é suficiente a ti: porque minha fortaleza é aperfeiçoada em fraqueza. Mais alegremente, portanto eu antes me gloriarei, em” estas “minhas fraquezas, para que a fortaleza de Cristo possa repousar sobre mim. Por isso eu tomo prazer em fraquezas; porque quando estou fraco, então sou forte”.

**16.** Como esta Escritura é um dos baluartes dos patronos do pecado, vem a propósito pesá-la rigorosamente. Observe-se, primeiro, que não parece de modo nenhum que esse espinho fosse ele o que fosse, levasse S. Paulo a cometer pecado; menos ainda o colocava na necessidade de o cometer. Portanto, por aí nunca se poderá provar que qualquer cristão deva cometer pecado. Em segundo lugar, informam-nos os pais antigos que se tratava de um sofrimento físico — cefaléia violenta, diz Tertuliano (*De Pudic.*); com o que concordam Crisóstomo e S. Jerônimo. S. Cipriano expressa de modo um pouco mais geral, nestes termos: “Muitos e aflitivos tormentos da

carne e do corpo: ☞. Em terceiro lugar, com isto exatamente concordam as próprias palavras do apóstolo: “Um espinho na carne, para ferir-me, bater-me ou esbofetear-me”. “Minha força se aperfeiçoa na *fraqueza*” — palavra que ocorre não menos de quatro vezes somente em dois versículos. Mas, em quarto lugar, fosse ele o que fosse, não podia ser pecado interior nem exterior. Não podia consistir em expressões exteriores de ira, orgulho ou cobiça, e menos ainda de movimentos interiores de ira, orgulho ou cobiça. Isto é manifesto além de toda contradição possível, à luz das próprias palavras que imediatamente se seguem: “De boa vontade, pois, me gloriarei em minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo”. Como! Gloriar-se ele no orgulho, na ira, na cobiça? Era através dessas fraquezas que o poder de Cristo nele descansava? O apóstolo vai além: “Por isso me regozijo nas fraquezas; porque, quando estou fraco, então sou forte”, isto é, quando estou *fraco no corpo*, então sou *forte no Espírito*. Mas, ousará alguém dizer: “Quando estou enfraquecido pelo orgulho ou pela cobiça, sou então forte em espírito”? Convido a todos vós, que tendes a fortaleza de Cristo sobre vós descansando, a declarardes hoje: podeis gloriar-vos na ira, ou no orgulho, ou na cobiça? Podeis ter prazer nessas enfermidades? Essas fraquezas vos podem fazer fortes? Não quereis antes descer ao inferno, se fosse possível escapar a elas? Então julgai por vós mesmos, se o apóstolo poderia gloriar-se e comprazer-se em tais fraquezas. Observe-se, finalmente, que aquele espinho foi dado a S. Paulo mais de catorze anos antes de ter escrito essa epístola, a qual ele escreveu vários anos antes de terminar a carreira. De modo que teve, depois disso, longo caminho a percorrer, muitos combates a sustentar, muitas vitórias a ganhar e grande progresso a fruir em todos os dons de Deus e no conhecimento de Jesus Cristo. Assim, de alguma fraqueza espiritual (se tal houvesse), em que ele tivesse incorrido naquele tempo, não poderíamos inferir de modo nenhum que jamais se tornasse forte; que Paulo, o velho, o ancião em Cristo, ainda trabalhasse debaixo das mesmas fraquezas; que ele não chegasse a estado mais alto até o dia de sua morte. De tudo isso ressalta que o exemplo de S. Paulo é inteiramente estranho ao assunto em estudo, de modo algum interferindo com a afirmativa de S. João: “O que é nascido de Deus não peca”.

**17.** “Mas S. Tiago não contradiz isto diretamente? São suas palavras: “Todos nós tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3.2); e tropeçar não é o mesmo que cometer pecado?” Neste lugar concordo em que seja: concordo em que as pessoas aí referidas cometiam pecado; sim, que todas elas cometiam muitos pecados. Mas, quais eram as pessoas de quem se fala aí? Quem, senão aqueles muitos mestres ou ensinadores, a quem Deus não havia mandado; (provavelmente os mesmos homens fátuos que ensinavam a fé sem obras, que é tão calorosamente reprovada no capítulo precedente); não o próprio apóstolo, nem qualquer real cristão. Que no pronome nós(usado como figura de linguagem vulgar em todos os escritores, inclusive nos inspirados), o apóstolo não podia possivelmente incluir-se ou a outro verdadeiro cristão, torna-se evidente, primeiro, da mesma palavra empregada no versículo nono: “Com ela — diz ele — bendize mos a Deus e com ela nós amaldiçoamos os homens. Da mesma boca procede a bênção e a maldição”. É verdade; mas não da boca do apóstolo, nem de qualquer outro que fosse em Cristo uma nova criatura. Em segundo lugar, do versículo que precede imediatamente ao texto e com este manifestamente se relaciona:

“Meus irmãos, não sejais muitos dentre vós mestres”, (ou, ensinadores), “sabendo que receberemos maior condenação”. “Porque em muitas coisas nós tropeçamos”. Nos! Quem? Não os apóstolos, nem os verdadeiros cristãos; mas aqueles que sabem que *receberão maior condenação*, em virtude de suas muitas ofensas. Mas isto não poderia ser dito do próprio apóstolo, ou de qualquer que andasse em suas pegadas, visto que “não há condenação para os que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Nem, em terceiro lugar, o próprio versículo em estudo prova que a expressão — “todos nós tropeçamos” possa aplicar-se quer aos homens, quer a todos os cristãos; por que nele imediatamente aparece a referência ao homem que não *tropeça*, como acontece com o *nós* primeiro mencionado; por onde, pois, ele se distingue rasgadamente, sendo caracterizado como *homem perfeito*.

**18.** Desse modo S. Tiago claramente se explica e estabelece a significação de suas próprias palavras. Ademais, para que ninguém ainda ficasse em dúvida, S. João, escrevendo muitos anos depois de S. Tiago, coloca o assunto inteiramente fora de discussão, pelas expressas afirmativas acima citadas. Mas daí uma dificuldade nova pode levantar-se: Como podemos reconciliar S. João consigo mesmo? Num lugar ele declara: “O que é nascido de Deus não peca”; e outra vez: “Sabemos que o que é nascido de Deus não peca”; e ainda em outra passagem diz: “Se dissermos que, não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós”; e ainda: “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentirosos, e sua palavra não está em nós”.

**19.** Por maior que possa à primeira vista parecer a dificuldade, esta se dissipa, se observarmos: primeiro, que o versículo 10 fixa o sentido do 13: a expressão — “Se dissermos que não temos pecado”, no primeiro, explica-se pela expressão — “se dissermos que não pecamos”, no último dos versículos em confronto: Segunda; que o ponto presentemente em discussão não é, *se temos ou não pecado em outros tempos*; e nenhum daqueles versículos explica tanto o 8 como o 10: “Se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados e para purificar-nos de toda injustiça”. E como se ele dissesse: “Afirmei antes que o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado; mas que nenhum homem diga: “Não preciso disto; não tenho pecado de que ser purificando”. Se dissermos que não temos pecado, que não pecamos em qualquer tempo, enganamo-nos a nós mesmos e fazemos a Deus mentiroso; mas, se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo, não somente para

perdoar nossos pecados, mas também para purificar-nos de toda injustiça, de modo que possamos ir e não mais pecar.

**20.** S. João é, pois, bem consistente consigo mesmo, assim como com os outros santos escritores, o que mais evidentemente ressaltará, se focalizarmos em conjunto todas as suas asserções no tocante à matéria em exame: declara ele, primeiro: o sangue de Jesus Cristo purifica-nos de todo pecado. Segundo: ninguém pode dizer: Não pequei, não tenho necessidade de ser purificando. Terceiro: mas Deus está pronto a perdoar nossos pecados passados e salvar-nos deles para o futuro. Quarto: “Estas coisas vos escrevo”, diz o apóstolo, “para que não pequeis. Mas, se alguém pecar,” ou *pecou* (como a palavra podia ser traduzi da), esse alguém não precisa continuar no pecado, visto que “temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo”. Até aqui tudo é claro. Mas, temendo que qualquer dúvida ainda restasse em ponto de tão larga importância, o apóstolo resume este assunto no terceiro capítulo e largamente explana sua própria significação: “Filhinhos, que ninguém vos engane (pensando que eu tenha fornecido qualquer incentivo aos que continuam no pecado): “o que pratica a justiça é justo, como também Ele é justo. O que comete pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o começo. Para isto o Filho de Deus se manifestou, para que pudesse destruir as obras do diabo. O que é nascido de Deus não peca, porque sua semente permanece nele; e ele não pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto os filhos de Deus são manifestos, e os filhos 40 diabos “(versículos 1 a 10). Ai o ponto, que até então podia possivelmente causar dúvida aos espíritos fracos, é focalizado de propósito pelo último dos escritores inspirados e decidido do modo mais claro. De conformidade, pois, tanto com a doutrina de S. João, como com todo, o teor do Novo Testamento, firmamos esta conclusão: *O cristão é tão perfeito que não comete pecado.*

**21.** Este é o glorioso privilégio de todo cristão, ainda que este não seja senão *uma criancinha em Cristo*. Mas é somente dos que *são fortes* no Senhor “e venceram o mal, ou, antes, dos que “conheceram o que é desde o princípio”, que se pode afirmar que são, em tal sentido, perfeitos, e, em segundo lugar, estão livres dos maus pensamentos e das inclinações perversas. Primeiro, dos pensamentos maus e pecaminosos. Seja porém, aqui observado que os pensamentos relativos ao mal nem sempre são maus pensamentos; que o pensamento relativo ao pecado e o pensamento pecaminoso, são coisas muitíssimo diferentes. O homem, por exemplo, pode pensar acerca do homicídio que outrem haja perpetrado: isto não é nem mau pensamento, nem pensamento pecaminoso. Pensamentos dessa espécie nosso bendito Senhor certamente os teve, assim como também ouviu as palavras ditas pelo diabo, quando este disse: “Todas estas coisas te darei se tu, prostrado, me adorares. “E ainda assim Ele não teve pensamento mau ou pecaminoso” nem era, na verdade, capaz de os ter. Daí se segue que nem os reais cristãos têm tal capacidade porque “todo que é perfeito é como seu Senhor” (Lc 6.40). Portanto, se o Senhor estava isento de pensamentos maus ou pecaminosos, do mesmo modo o estão seus servos.

**22.** E, na verdade, de onde poderiam proceder os maus pensamentos, no servo que é como *seu Senhor*? “Do coração do homem (se for o caso), procedem os maus pensamentos” (Mc 7.21). Se, pois, seu coração deixou de ser mau, então os maus pensamentos não mais podem proceder dali. Se a árvore fosse corrupta, assim seriam os frutos: mas, sendo a árvore boa, o fruto é, portanto, bom (Mt 12.33). Nosso Senhor mesmo deu este testemunho: “Toda árvore boa produz bom fruto”. “A árvore boa não pode dar maus frutos”, assim como “uma árvore corrupta não pode produzir bons frutos” (Mt 12.17,18).

**23.** O mesmo privilégio glorioso dos reais cristãos S. Paulo o define através de sua própria experiência. As armas de nossa milícia” — diz ele — “não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para a destruição de fortalezas; destruindo imaginações” (ou, antes, raciocínios, porque esta é a significação da palavra λογισμος; todos os raciocínios de orgulho e incredulidade acerca das declarações, promessas ou dádivas de Deus), “e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento para a obediência de Cristo” (2 Cr 10.4ss).

**24.** E como os cristãos são, na verdade, libertados dos maus pensamentos, assim, em segundo lugar, são libertados das inclinações perversas. . Isto é evidente da declaração acima citada do próprio Senhor nosso: “O discípulo não é maior do que seu Senhor; mas todo que é perfeito será como seu Senhor”, Ele acabava de proferir algumas das mais sublimes doutrinas do cristianismo e algumas das mais penosas à carne e ao sangue. “Digo-vos: amai aos vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; ao que te bater em uma das faces, oferece-lhe também a outra”, Bem sabia que o mundo não receberia estas coisas; por isso imediatamente acrescenta: “Pode o cego conduzir outro cego? Não cairão ambos no barranco?” É como se dissesse: “Não vos aconselheis com a carne e o sangue no tocante a essas coisas — com os homens destituídos de discernimento espiritual, a quem Deus não tenha aberto os olhos do entendimento — para que não aconteça que eles e vós pareçais juntamente”, No versículo seguinte Ele remove as duas grandes objeções que esses sábios loucos nos atiram a cada momento: “Estas coisas são demasiadamente duras de suportar”; ou “são demasiadamente elevadas para ser atingidas”, dizendo: “O discípulo não é mais do que seu Mestre; “se eu tenho sofrido, contentai-vos em seguir as minhas pegadas. Não duvideis, portanto; eu cumprirei minha palavra: “Porque, o que é perfeito, será como seu Mestre”, Mas esse Mestre estava isento de todas as tendências perversas. Assim, pois, é seu discípulo, ou seja, todo real cristão.

25. Cada cristão real pode dizer com S. Paulo: “Estou crucificado com Cristo: no entanto vivo; não eu, todavia, mas Cristo vive em mim” - palavras que manifestamente descrevem a libertação do pecado, tanto interior como exterior, Esta declaração se faz tanto negativamente — *não vivo* (minha natureza má, o corpo do pecado, está destruído), como positivamente: Cristo vive em *mim*, e, pois, tudo que é santo, justo e bom. Na verdade, ambas declarações — *Cristo vive em mim* e eu *não vivo*, inseparavelmente se relacionam; porque, “qual a comunhão que pode ter a luz com, as trevas, ou Cristo com Belial?”

26. Aquele, pois, que vive nos verdadeiros crentes, “purificou seus corações pela fé”, de modo que todo aquele que tem a Cristo em si — a esperança da glória — “purifica-se a si mesmo, como Ele é puro” (1Jo 3.3). “Purifica-se do orgulho, porque Cristo era humilde de coração. Purifica-se de obstinação ou cobiça, porque Cristo somente desejava fazer a vontade de seu Pai e cumprir sua obra. E purifica-se da ira, no sentido comum da palavra, porque Cristo era manso e suave, paciente, e longânimo. Digo — no sentido comum da palavra, porque nem toda ira é pecaminosa. Lemos de nosso Senhor (Mc 3.5), que Ele mesmo uma vez “olhou com indignação para eles”. Mas, com que espécie de indignação? A Palavra seguinte esclarece: *συνλυπουμενος*, “condoendo-se, ao mesmo tempo, “da dureza de seus corações”. Assim, Ele se mostrava irado contra o pecado e no mesmo instante se condoia dos pecadores; ira ou indignação em face da ofensa, mas, tristeza em face dos transgressores. Com ira, sim, irado, Ele olhou para a coisa; com pesar e amor encarou as pessoas. Vai, tu que és perfeito, e faz a mesma coisa. Irá-te deste modo — e não pecará; experimenta desgosto em face de toda ofensa contra Deus; mas, em face do ofensor, nutre somente amor e terna compaixão.

27. Assim Jesus, “salva seu povo de seus pecados”: e não só de pecados exteriores, mas também dos pecados de seu coração; dos maus pensamentos e das tendências más. “Na verdade” — dizem alguns —, “seremos deste modo salvos de nossos pecados; mas não antes da morte; não neste mundo.” Mas, de que modo poderemos conciliar isto com as palavras expressas de S. João? “Nisto se faz perfeito nosso amor, para que no dia de juízo tenhamos confiança; porque, como Ele é, assim somos nós neste mundo”. Ai o apóstolo, acima de qualquer contradição, fala de si mesmo e de outros cristãos vivos, a respeito de tios quais (como se houvesse previsto aquela evasiva e se empenhasse em contá-la pela base), categoricamente afirma que não só até a morte ou depois da morte, mas, *neste* mundo, são como seu Mestre (1Jo 4.17).

28. Exatamente concordes com isto são suas palavras do primeiro capítulo dessa epístola, (versículos 5ss): “Deus é luz, e nele não há nenhuma treva. Se andarmos na luz, temos comunhão uns com os outros; e o sangue de Jesus Cristo seu Filho nos purifica de todo pecado”. E ainda: “Se confessarmos nossos pecados. Ele é fiel e justo para perdoar-nos nossos pecados e purificar-nos de toda injustiça”. Ora, é evidente que o apóstolo ai também fala de uma libertação operada *neste mundo*. Porque ele não diz: — o sangue de Cristo nos purificará à hora da morte, ou no dia de juízo; mas ele nos “purifica” no presente, a “nós”, cristãos vivos, “de todo pecado”. E é igualmente óbvio que, se *algum pecado* permanece, não estamos purificados de *todo* pecado: se alguma injustiça permanece na alma, ela não está purificada de *toda, injustiça*. Nem diga qualquer, pecador contra sua própria alma, que isso se refere apenas à nossa justificação, ou à nossa purificação da culpa do pecado: primeiro, porque isto é misturar o que o apóstolo claramente distingue, mencionando primeiro o *perdoar-nos nossos pecados*, e depois o *purificar-nos de toda injustiça*. Em segundo lugar, porque isto é afirmar a justificação pelas obras, rio mais forte sentido possível; é fazer toda santidade interior, assim como exterior, preceder necessariamente à justificação. Porque, se a purificação de que se fala ai outra coisa não é senão o purificar-nos da culpado pecado então não somos purificados da culpa, isto é, não somos justificados, a não ser sob a condição, de “andarmos na luz, como Ele está na luz”. Fica, portanto, de pé — que os cristãos são salvos neste mundo, de todo pecado, de toda injustiça, de modo que são agora perfeitos rio sentido de não cometerem pecado, e são libertados dos maus pensamentos e das inclinações perversas.

29. Assim, cumpre o Senhor as coisas que Ele falou pelos seus santos profetas, que surgiram desde que o mundo começou: por Moisés, em particular, dizendo: “Circuncidarei teu coração, e o coração de teus filhos, para que ames o Senhor teu Deus de todo teu coração e de toda tua alma” (Dt 30.6); por Davi, clamando: “Cria em mim um coração puro e renova em mim um espírito reto”; e mais notavelmente por Ezequiel, naquelas palavras: “E derramarei sobre vós uma água pura, e sereis! purificados: de todas as vossas impurezas, e de todos os vossos ídolos, Eu vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei um novo espírito em meio de vós; e farei que vós andeis nos meus preceitos, e que guardeis as minhas ordenanças e que as pratiqueis. E vós sereis para mim o meu povo, e Eu serei para vós o vosso Deus. E também vos salvarei de todas as vossas impurezas. Isto diz o Senhor Deus: no dia em que Eu vos tiver purificado de todas as vossas iniquidades, — os gentios conhecerão que Eu, o Senhor, restabeleci os lugares arruinados; Eu, o Senhor, o disse e Eu o farei”. (Ez 36.5ss.)

30. “Tendo, pois, estas promessas, bem-amados”, tanto na Lei como nos Profetas, e tendo a palavra profética confirmada a nós no Evangelho, por nosso bendito Senhor e seus apóstolos, “purifiquemo-nos a nós mesmos de toda imperfeição da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus”. “Temamos que”, tendo tantas “promessas sido feitas a nós, de entrarmos no seu repouso”, no qual Ele entrou, tendo cessado suas obras, “algum de nós seja dele excluído”. “Uma coisa façamos: esquecendo as coisas que ficaram para trás, e avançando

para as que estão adiante, corramos em direção ao alvo do prêmio de nossa alta vocação de Deus em Cristo Jesus”, clamando a Ele dia e noite, até que também sejamos “transferidos do jugo da corrupção para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus”.

#### **QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 40**

- P. 1. (§ 1). Que se diz dessa expressão?
- P. 2. (§ 2). Que têm feito alguns, por aquela causa?
- P. 3. (§ 3). Podemos nós fazer assim?
- P. 4. (§ 4). Que se propõe mostrar o pregador?
- P. 5. (I. 1). Que se há de mostrar em primeiro lugar?
- P. 6. (I. 2). Que se diz de nossa ignorância?
- P. 7. (I. 3). Que se diz das dispensações de Deus?
- P. 8. (I. 4). A perfeição pode co-existir com a ignorância?
- P. 9. (I. 5). Que se diz da capacidade de errar?
- P. 10. (I. 6). Que objeção se menciona ai?
- P. 11. (I. 7). Estão os cristãos perfeitos isentos de ignorância e erro?
- P. 12. (I. 8). Estão isentos de tentações?
- P. 13. (I. 9). Em que, portanto, implica a perfeição cristã?
- P. 14. (II. 1). Qual é a segunda divisão do sermão?
- P. 15. (II. 2). Que se diz das criancinhas em Cristo?
- P. 16. (II. 3). Que se diz dos que são justificados?
- P. 17. (II. 4). Qual é o mínimo que se acha implícito aquelas palavras?
- P. 18. (II. 5). Que citação se faz de S. João?
- P. 19. (II. 6). Quais são as diversas interpretações dadas àquelas palavras?
- P. 20. (II. 7). Que se diz do caso de Abraão e outros?
- P. 21. (II. 8). Que se diz dos que assim raciocinam?
- P. 22. (II. 9). Que outra objeção se considera?
- P. 23. (II. 10). Que dizem mais os objetantes?
- P. 24. (II. 11). Que é de grande importância observar?
- P. 25. (II. 12). Quando foi dada essa grande salvação?
- P. 26. (II. 13). Como se devem medir os privilégios dos cristãos?
- P. 27. (II. 14). Onde se hão de achar as provas?
- P. 28. (II. 15). Que objeção se faz à vista do caso de S. Paulo?
- P. 29. (II. 16). Que se diz dessa passagem da Escritura?
- P. 30. (II. 17). Que objeção se faz à luz das palavras de S. Tiago?
- P. 31. (II. 18). Que se diz ai de S. Tiago?
- P. 32. (II. 19). Que se diz dessa dificuldade?
- P. 33. (II. 20). Que se diz da coerência de S. João?
- P. 34. (II. 21). Que se diz desse privilégio?
- P. 35. (II. 22). Que se diz dos maus pensamentos?
- P. 36. (II. 23). Que se diz da experiência de S. Paulo?
- P. 37. (II. 24). Que se diz das tendências más?
- P. 38. (II. 25). Que eles podem dizer com S. Paulo?
- P. 39. (II. 26). Que se diz dos verdadeiros crentes?
- P. 40. (II. 27-28). Que se diz da objeção ai mencionada?
- P. 41. (II. 29). Como se conclui o sermão?